

Violência intrafamiliar na infância: efeitos psicológicos

Intrafamily violence in childhood: psychological effects

Máira Lucatelli Rocha¹, Cristina Adriana Rodrigues Kern², Paola Rodegheri Galeli³ e Zolnei Vargas E. De Córdova⁴

Resumo: O presente artigo tem como objetivo compreender os efeitos psicológicos do contexto da violência intrafamiliar infantil, identificando as diferentes violências que um indivíduo pode sofrer na infância e analisar os efeitos psicológicos dessas violências. Para tanto, utilizou-se o método de revisão narrativa da literatura, um processo de busca com descrição e análise de um corpo do conhecimento em busca da resposta referente à temática dos efeitos psicológicos da violência intrafamiliar infantil. Destacaram-se três artigos publicados entre os anos de 2012 e 2020 sobre as consequências psicológicas a partir da violência intrafamiliar infantil, nos quais as seguintes consequências psicológicas foram identificadas: depressão, ansiedade, TEPT, hiperatividade, déficit de atenção, sequelas afetivas, sociais e comportamentais, transtorno amnésico, transtornos cognitivos, esquizofrenia e outros transtornos psicóticos, transtornos do humor, transtornos de ansiedade, transtornos dissociativos, transtornos sexuais, transtornos da alimentação, transtornos do sono, transtornos do controle do impulso, transtornos de adaptação, abuso de álcool e outros tipos de entorpecentes, distúrbios do sono, enurese, medo, dificuldades de aprendizagem, choro constante, insegurança, repetição da violência em relacionamentos amorosos e na parentalidade. Este trabalho constatou a necessidade de estudos mais

aprofundados acerca das consequências dessa violência nas crianças no cenário brasileiro, as quais seguem pouco investigadas e prejudicam vastamente o desenvolvimento emocional.

Palavras-chave: Violência emocional; Criança.

Abstract: The present article aims to understand the psychological effects of the context of intrafamilial child violence, identifying the different types of violence an individual may experience during childhood and analyzing the psychological effects of such violence. To this end, the narrative literature review method was employed, a search process involving the description and analysis of a body of knowledge in pursuit of answers regarding the theme of the psychological effects of intrafamilial child violence. Three articles published between 2012 and 2020 were highlighted, addressing the psychological consequences of intrafamilial child violence. The following psychological consequences were identified: depression, anxiety, PTSD, hyperactivity, attention deficit, affective, social, and behavioral sequelae, amnesic disorder, cognitive disorders, schizophrenia and other psychotic disorders, mood disorders, anxiety disorders, dissociative disorders, sexual disorders, eating disorders, sleep disorders, impulse control disorders, adjustment disorders, alcohol and

¹ Acadêmica do curso de Psicologia na Universidade do Extremo Sul Catarinense. E-mail: mairalucatellirocha@hotmail.com

² Mestre em Psicologia clínica, em formação psicanalítica pelo Centro de Estudos Psicanalíticos Serra. E-mail: cristinak@unesc.net

³ Psicóloga e professora do Curso de Psicologia na Universidade do Extremo Sul Catarinense. E-mail: paolarodg@unesc.net

⁴ Especialidade em Sistema Único de Assistência Social e Metodologia Interdisciplinar do Ensino e Especialização em Terapia Familiar Sistêmica. Psicólogo Clínico e Social. Docente da Universidade do Extremo Sul Catarinense. E-mail: zolnei@unesc.net

other substance abuse, sleep disturbances, enuresis, fear, learning difficulties, constant crying, insecurity, repetition of violence in romantic relationships and parenting. This study identified the need for more in-depth research on the consequences of such

violence on children in the Brazilian context, which remains under-investigated and significantly impairs emotional development.

Keywords: Emotional violence; Child.

Introdução

A violência contra crianças é um grave problema de saúde pública, direitos humanos e sociais, cujas consequências se estendem ao longo da vida, afetando diretamente as vítimas, suas famílias e, por consequência, a sociedade. Esse tipo de violência pode acarretar desde danos físicos e psicológicos até a exclusão social, impactando a capacidade das crianças de se desenvolverem plenamente em diversos aspectos de suas vidas.

Em 2018, dados do Departamento de Informática do Sistema Único de Saúde (DATASUS) indicaram que 40% dos casos de violência registrados envolviam crianças e adolescentes, abrangendo principalmente agressões físicas, emocionais, negligência, violência sexual, bullying, cyberbullying e a síndrome de Munchausen por procuração (Campos et al., 2021). Tais números refletem uma realidade alarmante tanto no Brasil quanto globalmente. A pesquisa da UNICEF revelou que seis em cada dez crianças entre 1 e 2 anos são submetidas a métodos disciplinares violentos (Henriques, 2021).

Essa problemática, como aponta Lima et al. (2021), é agravada pela descontinuidade nas ações governamentais e pela ausência de estratégias sustentáveis, limitando o impacto das políticas públicas e perpetuando as condições sociais que favorecem a violência infantil. Além disso, conforme sublinha o autor, superar esse cenário exige a adoção de estratégias mais integradas e sustentáveis, capazes de alinhar ações de curto e longo prazo. É imprescindível que a proteção infantil vá além das intervenções pontuais, promovendo mudanças sociais que assegurem um impacto efetivo e sustentável na vida das crianças e adolescentes, especialmente em contextos de maior vulnerabilidade.

No Brasil, esse tipo de violência é combatido legalmente por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído em 1990, que assegura a proteção integral das crianças e adolescentes. O artigo 15, por exemplo, trata do direito à liberdade, respeito e dignidade, proporcionando um fundamento jurídico para garantir uma vida livre de abusos. Além do ECA, o Brasil possui um conjunto de políticas públicas e programas sociais voltados para a proteção integral da criança e do adolescente. A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde da Criança (PNAISC), por exemplo, visa a promoção de cuidados abrangentes para a saúde física e mental dos menores (Brasil, Ministério da Saúde, 2015). Outra importante ação é a rede de Centros de Referência de Assistência Social (CRAS), que prestam apoio psicológico e social às famílias em risco (Brasil, Ministério da Cidadania, 2020). Tais iniciativas contribuem para fortalecer a rede de proteção infantil, atuando tanto na prevenção quanto no acolhimento e suporte das vítimas. Entretanto, apesar de toda essa gama legal de proteção e prevenção, a violência contra crianças continua sendo um problema persistente.

Como destaca Lima et al. (2021), a eficácia dessas políticas é comprometida por lacunas na implementação e pela falta de articulação entre os

diferentes atores sociais e institucionais. Essa realidade exige uma governança integrada, que contemple a participação ativa das comunidades locais e promova equidade no atendimento às necessidades das crianças, priorizando os grupos mais vulneráveis.

Classificada de diferentes formas, esse tipo de violência aparece pode ser analisada a partir de suas manifestações, impactos e contextos sociais. A violência física inclui o uso de força que resulta em danos, como tapas, beliscões, chutes, empurrões, arremesso de objetos, queimaduras e estrangulamentos. Já a violência sexual engloba práticas que atentam contra a liberdade e dignidade sexual da criança, como a imposição de atos sexuais não consentidos e a exposição a conteúdos inapropriados.

Além disso, a negligência, que é frequentemente subestimada, ocorre quando os cuidadores não suprem as necessidades básicas da criança, como saúde, educação, higiene ou supervisão adequada, expondo-a a riscos. Por fim, a violência emocional se manifesta por meio de ações que humilham, ameaçam ou prejudicam a autoestima da criança, podendo incluir comportamentos como ridicularização, intimidação e rejeição, muitas vezes com consequências psicológicas graves e duradouras (Henriques, 2021).

A violência intrafamiliar, que envolve ações ou omissões que prejudicam o desenvolvimento, o bem-estar físico e psicológico de um membro da família, é uma das formas mais comuns de abuso contra crianças. Esse tipo de violência, frequentemente perpetrado por familiares ou responsáveis, pode ocorrer tanto dentro quanto fora do ambiente doméstico e inclui abusos físicos, emocionais e psicológicos. (Chaves, 1997).

O abuso psicológico ou emocional, por exemplo, pode se manifestar por agressões verbais ou não verbais com a intenção de aterrorizar, humilhar e isolar a vítima. O impacto da violência intrafamiliar não é passageiro; ela tem o potencial de criar um ciclo intergeracional, onde os traumas e comportamentos violentos se repetem entre as gerações. (Krug et al., 2002).

Dentre as principais formas de violência emocional praticadas dentro de casa estão: a violência interparental, negligência, desvalorização e xingamentos, humilhação, amedrontamento/disciplina severa, abandono, ameaças, desdém, falta de afeto e diálogo (Henriques, 2021). A violência familiar frequentemente gera um ciclo intergeracional, no qual os agressores de hoje foram vítimas de violência na infância. Este fenômeno de perpetuação da violência é alimentado por uma tendência à cronificação do abuso, especialmente no ambiente familiar, como destacado por estudiosos da área (Saffioti, 1997). Os adultos que reproduzem a violência sofrida na infância muitas vezes não reconhecem esses comportamentos como prejudiciais, e as crianças que crescem em ambientes abusivos acabam internalizando essas práticas como formas aceitáveis de resolver conflitos. Dessa forma, os danos não são apenas individuais, mas refletem um padrão de comportamento que atravessa gerações.

Do ponto de vista da psicologia, a convivência familiar desempenha um papel crucial no desenvolvimento humano, sendo as interações iniciais com os cuidadores fundamentais para a formação da personalidade. As teorias psicanalíticas destacam que o caráter da criança é moldado por experiências psicossociais precoces, nas quais as relações de afeto e o estilo de cuidado têm grande impacto na construção de sua identidade. Quando essas relações são marcadas pela violência, o desenvolvimento do self fica comprometido, levando ao surgimento de traços de personalidade disfuncionais, como manipulação, desconfiança e timidez. Kohut (1977) também destaca que a falta de um cuidado empático e adequado pode prejudicar a estabilidade do self, gerando problemas psicológicos que se refletem na vida adulta.

Os traços de personalidade são características que orientam os relacionamentos interpessoais, como timidez, sedução, desconfiança ou manipulação. Quando esses traços se tornam rígidos e desadaptados, a ponto de causarem sofrimento ou disfunção significativa nas esferas social, pessoal e profissional, eles passam a ser considerados transtornos de personalidade (Schechstsky, 2015). De acordo com Kernberg (1970), as relações de objeto consistem em representações do eu (self) e do outro (objeto), ligadas por um afeto dominante, como ódio, amor ou preocupação, formando o que Kernberg chama de “díades de relações de objeto”.

No contexto do desenvolvimento infantil, é essencial que os cuidadores satisfaçam não apenas as necessidades físicas, mas também as psicológicas da criança. De acordo com Feist et al. (2015), esse cuidado envolve uma interação empática que contribui para a formação dos componentes do self. O bebê assimila as respostas dos cuidadores, que, ao lidar com ele, modelam sua percepção de si mesmo. Kohut (1977) define o self como o “centro do universo psicológico do indivíduo”, sendo o núcleo que dá unidade e consistência às suas experiências e relações interpessoais.

Horney (1950, citado por Feist et al., 2015) argumenta que todo indivíduo nasce com um potencial para o desenvolvimento saudável, mas, para que esse potencial se realize, são necessárias condições favoráveis ao crescimento. Essas condições incluem um ambiente afetivo e amoroso, que proporciona segurança e satisfação, ao mesmo tempo em que oferece uma disciplina equilibrada. A partir desse cenário, a criança é capaz de crescer em

harmonia com seu real self, desenvolvendo sua personalidade de forma plena.

A violência é entendida como um problema de grande magnitude, que afeta o desenvolvimento infantil. Nesse sentido, o presente estudo tem como objetivo compreender os efeitos psicológicos do contexto da violência intrafamiliar infantil, identificando as diferentes violências que um indivíduo pode sofrer na infância e analisar os efeitos psicológicos dessas violências.

Método

Este estudo baseou-se numa revisão narrativa da literatura, que não aplica critérios sistemáticos para a busca e análise crítica da literatura. Essa abordagem não utiliza estratégias de busca sofisticadas e exaustivas, sendo adequada para a fundamentação teórica de artigos, dissertações, teses e trabalhos de conclusão de cursos (Biblioteca Prof. Paulo de Carvalho Mattos, 2015).

Para conduzir a revisão, inicialmente utilizou-se o buscador Google Acadêmico para a identificação de artigos, utilizando os descritores “violência emocional” e “criança”. O levantamento considerou materiais publicados no período de 2018 a 2022, os critérios de inclusão incluíam artigos que possuíssem título e/ou resumo que fizessem referência à violência ocorrida na infância, no contexto familiar, e seus efeitos psicológicos. Os critérios de exclusão envolveram artigos que não correspondiam aos descritores por meio do título, resumo, ou leitura na íntegra, além de artigos repetidos e em idiomas que não o português. Percorreu-se os resumos para verificar a congruência com os objetivos do estudo: a exposição à violência psicológica na infância no contexto familiar. A partir dessa busca, foram identificados 25 artigos que, através dos critérios de inclusão e exclusão, foram reduzidos para 1 artigo.

Considerando a limitação de artigos encontrados, o período de busca necessitou ser ampliado, resultando na identificação de 3 artigos. A análise dos trabalhos se deu nas seguintes etapas: os artigos foram selecionados, lidos na íntegra e discutidos com base nos objetivos do estudo. Os artigos selecionados, apresentados na Tabela 1, foram utilizados para a análise dos resultados deste estudo.

Tabela 1

Artigos selecionados para a revisão integrativa nesse estudo

Autores, Ano e Tipo de publicação	Título	Objetivo	Principais resultados
(Nunes et al., 2020) Artigo	“Violência infantil no Brasil e suas consequências psicológicas: uma revisão sistemática”	Buscar na literatura os efeitos psicológicos da violência infantil na criança e de que maneira esta interfere em seu desenvolvimento biopsicossocial.	A revisão encontrou vários tipos de violência contra crianças, sendo a sexual e a física as mais comuns. As principais consequências foram: depressão, ansiedade, TEPT, hiperatividade, déficit de atenção e problemas emocionais, sociais e de comportamento. A violência infantil ocorre, em geral, dentro da família, e são necessários mais estudos sobre seus impactos no desenvolvimento das crianças.

Autores, Ano e Tipo de publicação	Título	Objetivo	Principais resultados
(Fonte, 2017) Monografia	“Os reflexos da infância na vida adulta: uma revisão de literatura”	Reunir artigos e estudos científicos sobre o desenvolvimento humano e os fatores que influenciam o comportamento na infância, a fim de analisar como essas influências podem impactar os padrões de comportamento na vida adulta.	Pais que enfrentam traumas passados têm menor chance de reproduzir o ciclo. Apesar dos direitos da criança, há violações por fatores como sociedade, pobreza, repetição de abusos, falta de informação e cultura. Abusos na infância influenciam o comportamento, desenvolvimento e a saúde física e mental na vida adulta.
(Moreira & Souza, 2012) Artigo	“Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: do espaço privado à cena pública”	Discutir a relação sentidos/significados produzidos no contexto da Vivência da violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes e as estratégias de enfrentamento pela rede pública de proteção.	A violência intrafamiliar é complexa, pois envolve agressores próximos, como pais e responsáveis, e está ligada a práticas de educação. O enfrentamento exige medidas protetivas imediatas, atendimento psicossocial às vítimas e agressores, além de ações preventivas com pais, educadores e profissionais de saúde para refletir sobre relações familiares

Fonte: elaborado pelos autores, 2024.

Resultados e discussão

A presente discussão sobre violência intrafamiliar infantil e seus efeitos psicológicos baseou-se nestes três artigos apresentados acima. O ponto principal que esteve em comum entre eles é o impacto da violência infantil no desenvolvimento biopsicossocial das vítimas. Os autores apontam que a exposição a situações de abuso está diretamente associada a transtornos emocionais e comportamentais, como depressão, ansiedade, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT), dificuldades de atenção e hiperatividade (Nunes et al., 2020).

Além disso, no Nordeste brasileiro, um estudo realizado por Almeida et al. (2017) revelou que a violência sexual é a forma mais prevalente de abuso infantil, representando 92% dos casos analisados, seguida pela violência física e psicológica. Esses dados ressaltam, além da gravidade da violência sexual, a urgência em direcionar pesquisas para as especificidades das desigualdades regionais, bem como para os impactos diretos dessa violência no desenvolvimento crianças.

Para além das diferenças regionais, existem diferenças de violências sobre a faixa etária das vítimas de violência intrafamiliar infantil, apontando uma transição no tipo de violência predominante ao longo do desenvolvimento. Os infantes são, majoritariamente, vítimas de negligência (61,7% dos casos), enquanto as crianças lideram as estatísticas de violência psicológica (53,5%) e sexual (65,1%). Já os adolescentes são as principais vítimas de violência física, representando 59,3% dos casos relatados. Esses dados destacam a necessidade de intervenções específicas e direcionadas para cada faixa etária, considerando as particularidades dos tipos de violência a que estão mais vulneráveis (Cerqueira & Bueno, 2024).

A transmissão transgeracional dos efeitos da violência infantil é outro tema amplamente discutido pelos autores, sendo compreendida como a perpetuação de padrões de trauma e sofrimento ao longo das gerações. Almeida-Prado e Féres-Carneiro (2010) explicam que esses efeitos psicológicos não processados adequadamente são transmitidos de pais para filhos, formando um ciclo em que padrões disfuncionais ou traumáticos internalizados na infância são repetidos nas gerações subsequentes. Esse processo reforça a

necessidade de intervenções que promovam a ressignificação das experiências traumáticas.

A teoria dos vínculos disfuncionais sugere que as relações familiares marcadas por abuso e negligência geram padrões de apego inseguros. Esses vínculos, frequentemente ambivalentes ou desorganizados, dificultam a capacidade dos membros da família de se conectarem de maneira saudável. Crianças expostas à violência frequentemente carregam essas dificuldades para a vida adulta, perpetuando o sofrimento emocional dentro do núcleo familiar (Kerr, 2019; Bowen, 1988).

O conceito de “lealdade invisível” complementa essa compreensão, descrevendo a tendência inconsciente de repetir comportamentos para honrar antepassados e perpetuar legados familiares. Souza e Carvalho (2010) destacam que essa dinâmica pode se manifestar em aspectos como violência doméstica, abuso de substâncias ou doenças graves. Sem uma intervenção adequada, as novas gerações podem reproduzir os mesmos padrões disfuncionais que marcaram as gerações anteriores.

A falta de simbolização e ressignificação dos traumas é um elemento crucial na perpetuação desses ciclos. Quando os traumas permanecem não elaborados, eles são transmitidos inconscientemente por meio de comportamentos, crenças e valores que moldam as dinâmicas familiares. Além disso, esses traumas frequentemente impactam não apenas comportamentos visíveis, mas também o desenvolvimento de atitudes e emoções que sustentam o sofrimento transgeracional (Padilha & Barbieri, 2020).

Crianças que crescem em contextos abusivos geralmente não dispõem das ferramentas emocionais necessárias para compreender e lidar com suas experiências traumáticas. Isso aumenta a probabilidade de que enfrentem dificuldades em relacionamentos e questões de saúde mental na vida adulta. Fonte (2017) evidencia que experiências de violência infantil não tratadas podem resultar no desenvolvimento de distúrbios psicológicos graves, como transtornos de ansiedade, depressão e dificuldades nas relações interpessoais. Esses distúrbios, embora não ocorram de forma generalizada em todas as vítimas de violência infantil, estão frequentemente ligados à repetição das experiências traumáticas da infância. Essa constatação reforça a ideia de que

- Campos, R. T., Martiniano, L. V. M., Lirio, A. K. S., de Araujo Souza, K. E., Rosea, N., Dias, J. M. M., Cardoso, A. C. A., Farhata, S. C., & Silva, C. A. (2021). Violência não sexual contra crianças e adolescentes: Um estudo em um hospital universitário e terciário da América Latina. *Revista Paulista de Pediatria*. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2022/40/2021101>
- Carqueira, D., & Bueno, S. (Coords.). (2024). *Atlas da violência 2024*. Ipea; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Disponível em <https://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/14031>.
- Chaves, A. (1997). *Comentários ao Estatuto da Criança e do Adolescente*. LTr.
- Feist, J., Feist, G. J., & Roberts, T.-A. (2015). *Teorias da personalidade*. AMGH.
- Fonseca, P. M. d., & Lucas, T. N. S. (2006). *Violência doméstica contra a mulher e suas consequências psicológicas* [TCC, Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública]. <http://newpsi.bvs-psi.org.br/tcc/152.pdf>
- Fonte, R. F. d. (2017). *Os reflexos da infância na vida adulta: Uma revisão de literatura* [Monografia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"]. <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/156604>
- Frias-Armenta, M. (2002). Long-term effects of child punishment on Mexican women. *Child Abuse & Neglect*, 26(4), 371-386. [https://doi.org/10.1016/s0145-2134\(02\)00314-9](https://doi.org/10.1016/s0145-2134(02)00314-9)
- Henriques, C. G. P. (2021). *Violência emocional contra crianças e adolescentes no contexto familiar: As diferentes expressões da violência e suas repercussões* [Tese de doutorado, Universidade Federal do Espírito Santo]. https://sappg.ufes.br/tese_drupal/tese_11441.pdf
- Holt, S., Buckley, H., & Whelan, S. (2008). The impact of exposure to domestic violence on children and young people: A review of the literature. *Child Abuse & Neglect*, 32(8), 797-810. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2008.02.004>
- Kernberg, O. F. (1970). A psychoanalytic classification of character pathology. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 18(4), 800-822. <https://doi.org/10.1177/000306517001800403>
- Kerr, M. E. (2019). *Bowen theory's secrets: Revealing the hidden life of families*. W. W. Norton & Company.
- Kerr, M. E., & Bowen, M. (1988). *Family evaluation*. W. W. Norton & Company.
- Kohut, H. (1977). *The restoration of the self*. International University Press.
- Krom, M. (2000). *Família e mitos – Prevenção e terapia: Resgatando histórias*. Summus.
- Krug, E. G., Dahlberg, L. L., Mercy, J. A., Zwi, A. B., & Lozano, R. (2002). *Relatório mundial sobre violência e saúde*. World Health Organization. <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/relatorio-mundial-sobre-violencia-e-saude>
- Lang, A. J., Rodgers, C. S., & Lebeck, M. M. (2006). Associations between maternal childhood maltreatment and psychopathology and aggression during pregnancy and postpartum. *Child Abuse & Neglect*, 30(1), 17-25. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2005.07.006>
- Layzer, J. I., Goodson, B. D., & Delange, C. (1986). Children in shelters. *Children Today*.
- Lecannelier, F., Kimelman, M., González, L., Nuñez, C., & Hoffmann, M. (2008). Evaluación de patrones de apego en infantes durante su segundo año en dos centros de atención de Santiago de Chile. *Revista Argentina de Clínica Psicológica*, 17(3), 197-207. <https://www.redalyc.org/pdf/2819/281921795001.pdf>
- Lima, L. L., D'Ascenzi, L., Lui, L., & Aguiar, R. B. (2021). Políticas públicas e desenvolvimento: Uma proposta de modelo de análise. *Urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 13, e20210048. <https://doi.org/10.1590/1984-0462/2022/40/2021101>
- Lubi, A. P. L. (2003). Estilo parental e comportamento socialmente habilidoso da criança com pares. In: *Sobre comportamento e cognição: A história e os avanços, a seleção por consequência em ação*. Esetec.
- Mello, S. L. d. (1999). Estatuto da criança e do adolescente: É possível torná-lo uma realidade psicológica? *Psicologia USP*, 10(2), 139-151. <https://doi.org/10.1590/s0103-65641999000200010>
- Moreira, M. I. C., & Sousa, S. M. G. (2012). Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes: Do espaço privado à cena pública. *O Social em Questão*, 28(15), 13-26. <http://osocialemquestao.ser.pucrio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=75&sid=18>
- Nunes, A. C. P., Silva, C. C. d., Carvalho, C. T. C. d., Silva, F. G. d., & Fonseca, P. C. d. S. B. d. (2020). Violência infantil no Brasil e suas consequências psicológicas: Uma revisão sistemática. *Brazilian Journal of Development*, 6(10), 79408-79441. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n10-392>
- Nunes, A. J., & Sales, M. C. V. (2016). Violência contra crianças no cenário brasileiro. *Ciência & Saúde Coletiva*, 21(3), 871-880. <https://doi.org/10.1590/1413-81232015213.08182014>
- Padiha, C. R. M., & Barbieri, V. (2020). Transmissão psíquica transgeracional: Uma revisão da literatura. *Tempo Psicanalítico*, 52(1), 243-270. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tpsi/v52n1/v52n1a10.pdf>
- Pereira, P. C., Santos, A. B. d., & Williams, L. C. d. A. (2009). Desempenho escolar da criança vitimizada encaminhada ao fórum judicial. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 25(1), 19-28. <https://doi.org/10.1590/s0102-377220090001000032>
- Platt, V. B., Back, I. d. C., Hauschild, D. B., & Guedert, J. M. (2018). Violência sexual contra crianças: Autores, vítimas e consequências. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(4), 1019-1031. <https://doi.org/10.1590/1413-81232018234.11362016>
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. d. (2007). Família e adolescência: A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, 12(2). <https://www.scielo.br/j/pe/a/3sGdvzqtVmGB3nMgCQDVBgL/?format=pdf>
- Reichenheim, M. E., Hasselmann, M. H., & Moraes, C. L. (1999). Consequências da violência familiar na saúde da criança e do adolescente: Contribuições para a elaboração de propostas de ação. *Ciência & Saúde Coletiva*, 4(1), 109-121. <https://doi.org/10.1590/s1413-81231999000100009>
- Saffioti, H. I. B. (1997). No fio da navalha: Violência contra crianças e adolescentes no Brasil atual. In: F. R. Madeira (Ed.), *Quem mandou nascer mulher? Estudos sobre crianças e adolescentes pobres no Brasil* (pp. 137-211). Rosa dos Tempos.
- Schestatsky, S. S. (2015). Abordagem psicodinâmica do paciente borderline. In C. L. Eizirik, R. W. d. Aguiar, & S. S. Schestatsky (Orgs.), *Psicoterapia de orientação analítica: Fundamentos teóricos e clínicos* (pp. 614-631). Artmed.
- Schultz, S. E., & Schultz, D. P. (2016). *Teorias da personalidade*. Thompson.
- Souza, C. L., & Carvalho, M. (2010). Padrões transgeracionais repetitivos que incidem nas relações familiares [Especialização não publicada]. *Programa de Especialização em Terapia Sistêmica de Casal e Família: Centro de Estudo da Família e Casa*.